

Casar é brincar aos deuses e jogar aos dados. ¹

Casar é brincar aos deuses e jogar aos dados. Brincar aos deuses porque se assume o acto fundamental da criação de um espaço íntimo, de uma casa, de outras vidas. Tarefa dos deuses porque poucos actos da nossa vida estarão de tal maneira carregados de promessas de futuro e nos darão a mesma sensação de controlo sobre o destino. Brincar aos deuses porque amamos e escolhemos uma relação, temos o poder de decidir, de construir, mas também de destruir.

Jogar aos dados, pois. Dizer que se quer estar com alguém para sempre, cada vez mais parece um jogo prometedor mas arriscado. Antes a instituição protegia, oferecendo segurança, compensando eventuais faltas de entusiasmo. Hoje, grandes apostas e elevadas expectativas correspondem também a maior risco e menor protecção, pois são claras para toda a gente as incertezas que tornam o sentimento amoroso simultaneamente poderoso e frágil. O amor, associado ao casamento, transformou a conjugalidade nessa aposta de resultante incerta. Mas nem por isso esse movimento para o outro deixa de se repetir geração após geração, agora cada vez mais atraente e reparador, prestando-se a cumprir ao nível do desejo todas as fantasias. Com mais ou menos pimenta e imaginação, o outro aparece-nos sempre, pelo menos num primeiro momento, destinado a ter um papel central nessa aventura de ser deus.

Mas se persiste a ideia de relação e se passamos dessa fase inicial para a outra de fazer selar compromissos privados com actos públicos, que é o que se faz quando se formaliza o casamento, revela-se ao mesmo tempo esse outro lado obrigatoriamente implicado nas tarefas da criação. Além de amar, cuidar e fazer crescer, outros nomes para a função de assegurar reciprocidades afectivas na relação conjugal e na relação parental, é preciso organizar recursos, estabelecer fronteiras entre espaços íntimos, privados e colectivos, conviver com as diferenças das famílias

¹ Introdução do Livro “Casamento em Portugal” (ver “Casamento em Portugal” em www.analiatorres.com)

com quem também se casa, sanar ou resolver conflitos, assegurar harmonias difíceis entre profissão e família. Sob este ângulo, ser deus é também uma grande cansada, de que só poucos, mesmo assim, desistem.

Em investigação anterior constituiu-se o divórcio como objecto de pesquisa e foi possível analisar esses lados mais difíceis da conjugalidade, que tinham aí conduzido ao fim da relação. Na pesquisa intitulada *Trajectórias Dinâmicas e Formas de Conjugalidade. Assimetrias sociais e de género no casamento* (Torres, 2000), com base na qual se publica este livro, pretendeu-se perceber outros lados da conjugalidade. Centrou-se agora a análise na relação entre dinâmicas externas e internas da relação conjugal.

Estudou-se, por um lado, o conjunto de condicionamentos globais de nível macro susceptíveis de interferir na forma como se vive a conjugalidade nos nossos dias. A chamada questão feminina, o casamento e as propostas teóricas do lugar da sociologia que foram surgindo ao longo do século XX para explicar essas questões, bem como as mudanças em termos da recomposição social e dos valores, o papel da actividade profissional e a sua relação com a conjugalidade, tudo isso foi constituindo uma rede de dimensões significativas.

Por outro lado, no que poderíamos designar por nível micro, procurou-se, a partir do sentido subjectivo atribuído pelos actores às suas experiências, perceber o ponto de vista de cada indivíduo, no contexto do casal, quer sobre diferentes aspectos da vida conjugal, quer sobre a vida profissional, as expectativas e os desejos de mudança. Em síntese, procurou-se partir do nível mais global para encontrar os factores condicionantes das práticas e representações individuais. E a partir destas, a tentativa foi a de entender como estavam inscritas as dimensões globais nas práticas e de que modo essas dimensões seriam susceptíveis de produzir efeitos sobre os indivíduos e sobre a forma de viver a conjugalidade.

A partir do título da pesquisa, acima referido, que deu origem a este livro, é possível localizar aspectos centrais do objecto da investigação. Estudar as *trajectórias* conjugais decorre de se considerar que o contexto social e o percurso específico anterior ao casamento condicionam as expectativas e as práticas relativas à conjugalidade. Captaram-se *dinâmicas* conjugais, porque ao analisar casais com diferentes durações de casamento foi possível detectar como o próprio processo

conjugal vai criando e recriando situações novas que exigem adaptações e mudança. Identificaram-se desde logo diferentes *formas de conjugalidade*, caracterizadas a partir de recursos, práticas, representações e valores, que mostram, para além de certas tendências centrais, a grande diversidade de fazeres e entendimentos possíveis do casamento. Diferenças que vão de um pólo em que é o indivíduo a impor as suas condições à forma de funcionar da instituição, adequando-a aos seus interesses, ao pólo oposto, de sujeição, sem graus de autonomia, aos constrangimentos institucionais, que a ausência de recursos e alternativas transforma em dependência. Por isso, as assimetrias sociais jogam também aqui papel importante e diferenciador.

Finalmente, o género constituiu elemento fundamental que atravessa todas as tipologias e as tendências de nível macro identificadas. Na verdade, quando se procura identificar as mudanças no século XX, no plano da vida privada como no da vida pública e independentemente dos limites de tais classificações - temática que foi de forma desenvolvida abordada em publicação anterior (Torres, 2001) - lá teremos a questão feminina a atravessar essas dimensões. Revela-se aí, aliás, a íntima relação entre as duas esferas. Ao ocupar novos postos no “exterior”, as mulheres alteraram o seu lugar em casa e vice-versa. São rotações por vezes tímidas, outras, mais ousadas, mas o que importa é que esses processos de mudança, ainda em curso, revelaram tal peso nas questões enfrentadas que merecem ocupar lugar e visibilidade central.

A pesquisa publicada sob a forma de dissertação de doutoramento, constituindo um trabalho único era, no entanto, pela sua dimensão, dificilmente editável como tal em livro. Decidiu-se assim repartir a publicação por três volumes que correspondem a partes logicamente possíveis de autonomizar.

A componente já publicada (Torres, 2001), faz o percurso de alguns autores clássicos (Durkheim, Simmel, Burgess, Parsons, Goode) relevantes no domínio da sociologia da família dos finais do século XIX e do século XX. Ocupam aí igualmente lugar de destaque as autoras que nos anos 70 sugeriram novos olhares sobre a temática do casamento e da questão feminina bem com os outros autores contemporâneos mais significativos. O debate envolve propostas sobre temas como o da relação entre contextos sociais e casamento, o da divisão social e sexual do trabalho, o do género e conjugalidade, o do amor, da dominação masculina, da mudança social.

A relação entre vida conjugal e trabalho, outra parte relevante e extensa da dissertação de doutoramento, merece pela sua actualidade e interesse ser publicada em livro autónomo num breve futuro. Depois de uma análise mais genérica sobre o problema da relação entre casamento e actividade profissional e da especificação para o caso português das diferentes posições perante o trabalho exterior de homens e mulheres, foca-se a atenção nos sentidos subjectivos e tenta-se restituir, a partir das entrevistas, o modo como cada um dos cônjuges encara a actividade profissional. Desenvolve-se também aí a análise de dados de uma pesquisa comparativa realizada em vários países europeus.

Quanto ao presente livro, ele aborda dois núcleos problemáticos da investigação: a relação entre mudança e conjugalidade e as dinâmicas conjugais, formas de conjugalidade e tipos de centramento. Importa, de forma sintética, identificar o conteúdo de cada capítulo, para tornar claro como ficou organizada a exposição.

No capítulo 1 procura-se explicar como surgiram as interrogações e hipóteses de investigação e se formulou o modelo de análise. Identificam-se igualmente aqui alguns conceitos centrais e os núcleos problemáticos a que se procurou dar resposta ao longo do trabalho. Dá-se conta da estratégia metodológica seguida, a qual por sua vez comandou diferentes técnicas de recolha de informação, incluindo a análise sociográfica, o inquérito por questionário e as entrevistas em profundidade. Estas últimas constituíram um dos instrumentos fundamentais, tendo sido aplicadas a casais da Grande Lisboa de diferentes condições de existência, durações de casamento e idades. Os dois membros do casal foram sempre entrevistados em separado.

O capítulo 2, desenvolve-se a partir da análise do núcleo problemático, que diz respeito à questão da mudança social e das práticas, representações e valores relativos ao casamento. É tida em conta a informação de nível macro e, a partir de elementos recolhidos em inquéritos por questionário, propõe-se a identificação de algumas tendências centrais de valores sobre a simetria entre homens e mulheres na família, sobre a conjugalidade, sobre o casamento e as suas formas de celebração. Passa-se depois aos discursos na primeira pessoa, procurando perceber, entre outros aspectos, o sentido subjectivo atribuído pelos actores aos seus trajectos anteriores ao casamento, às escolhas conjugais, às motivações para casar. O facto de se terem seleccionado

pessoas casadas de diferentes condições de existência e duração de casamento permitiu também captar, directa e indirectamente, aspectos de permanência e mudança cuja relevância pareceu inequívoca.

No capítulo 3, em torno da problemática das formas de conjugalidade, das dinâmicas conjugais, dos contextos e do género, centra-se a atenção na história conjugal dos diversos casais, do ponto de vista de cada um dos seus membros. Identificam-se diferentes formas de conjugalidade e tipos de centramento nas várias dimensões da vida conjugal e familiar. Percorrem-se as histórias analisadas explorando também a dimensão comparativa, a partir da classificação dos entrevistados em grandes grupos de duração do casamento e segundo as respectivas condições de existência. É através das suas descrições da trajectória que vai do namoro ao casamento e do decurso deste, que se constituíram os pontos de referência para a identificação das formas de conjugalidade e os tipos de centramento. Teve-se em conta, nomeadamente, a avaliação que fazem de momentos positivos e negativos, de conflitos e aborrecimentos, das relações com familiares e amigos, da organização da vida doméstica e dos cuidados com os filhos, da actividade profissional, dos desejos de mudança nas diferentes dimensões da vida. Os condicionamentos de género exigiram avaliação transversal à duração de casamento, às condições de existência e às tipologias definidas.

No final, identificam-se as principais conclusões retomando questões de natureza mais global. O anexo metodológico mostra alguns suportes da pesquisa, como o guião de entrevista, ao mesmo tempo que se deixam um pouco mais pormenorizadamente especificados os caminhos seguidos e alguns dos aspectos instrumentais das técnicas utilizadas. Um conjunto de dados estatísticos de diferentes fontes, bem como resultados de inquéritos por questionário, completam a informação disponível no anexo.

O esforço de objectivação científica, em particular em torno de temas que tocam intimidades e afectos, corre o risco de parecer congelar e ao limite extrair a vida daquilo que mais à vida diz respeito. Resta esperar que tal risco, não tenha produzido os seus mais negativos efeitos.